

Slow Parenting

o culto ao ócio e a liberdade infantil

GUSTAVO HOFFMAN E LAURA REZENDE

Contra uma educação sem fôlego, pais tentam fugir do ensino tradicional

Recentemente propagado no Brasil, o conceito da desescolarização não é novidade nos Estados Unidos. Em meados dos anos 1970, o educador americano John Holt, desiludido com a escola tradicional, se convenceu de que não era possível reformar o sistema de educação, dadas suas profundas distorções. Elaborou, a partir de então, conceitos teóricos sobre o tema.

O primeiro foi o *homeschooling*; em tradução livre, *educação em casa*. Em 1977, Holt fundou a *Growing Without Schooling* (crescendo sem a escola), ou GWS, uma newsletter dedicada exclusivamente ao tema. A GWS durou até 2001.

Holt também acreditava que as crianças não deveriam ser coagidas à aprendizagem: com liberdade para seguir seus próprios interesses e uma vasta variedade de recursos, elas aprenderiam e evoluiriam intelectualmente de forma natural,



BLOG "VIDA ATIVA"

Gutto Thomaz saiu da escola aos 14 anos e, hoje, é mágico profissional

de acordo com a própria vocação. Essa linha de pensamento viria a ser denominada *unschooling* – traduzida há poucos anos no Brasil como desescolarização.

Em 1981, John Holt publicou o livro *Teach your own*, visando ao aprofundamento da ideia do *homeschooling*. No capítulo *Unschooling: see Home Schooling*, a obra esmiúça os principais pressupostos teóricos da desescolarização.

Em Auckland, Nova Zelân-

dia, a brasileira Thais Saito é adepta do ideário conceitual de John Holt. Após apresentar um projeto extremamente minucioso sobre como educaria seus quatro filhos, ela conseguiu a aprovação do governo neozelandês para tirar as crianças da escola.

Do Brasil à Oceania, passando pela América do Norte, em suma, a escola do século XX começa a ser questionada com mais contundência pela sociedade do século XXI.

Gutto – o adolescente que abandonou a escola

Gutto Thomaz mal havia completado 14 anos quando abandonou a escola. Da mesma forma que tantos adolescentes dessa idade, ele via o ambiente escolar como uma espécie de prisão social: sufocante, inútil, feito sob medida para limitar e padronizar alunos de acordo com as exigências do mercado. Gutto recebeu o apoio da mãe, Ana Thomaz, após breve hesitação. Por questões constitucionais, ela só lhe pediu que concluisse o Ensino Fundamental.

– Apoiei o Gutto porque percebi que a escola é um ambiente muito ameaçador. São ameaças em relação aos professores, à prova, à presença, ao “passar de ano” e às relações sociais, explica Ana, ressaltando que aprendeu poucos ensinamentos realmente construtivos em seus tempos escolares.

– A sensação inicial [de tirar o filho da escola] foi de insegurança e, ao mesmo tempo, muito ânimo para construir algo novo. Eu confiei muito na intuição, pois sentia que esse era o melhor caminho para nossa vida, conta.

Enquanto Gutto cursava o último ano do Ensino Fundamental, preparando-se para deixar a escola, Ana Thomaz desenvolveu um projeto de três anos para ele – tempo equivalente ao Ensino Médio, portanto. A proposta era que, diariamente, Gutto desenvolvesse uma atividade de seu agrado: música, artes plásticas, futebol e filosofia. Além disso, precisaria se desligar completamente de computador e televi-



A educadora Ana Thomaz defende a ideia da desescolarização

são. Nas palavras de Ana, essas medidas eram parte do processo de desintoxicação do filho. Ou, mais precisamente, desescolarização.

Grosso modo, trata-se da retirada da escola, enquanto instituição supostamente rígida, discriminatória, preconceituosa e padronizada, de dentro das crianças.

– Considero a escolarização uma colonização, uma massificação que cria desejos artificiais nos alunos, resume Ana Thomaz.

Depois de alguns meses fora da escola – e com muito tempo de ócio, frisa-se, Gutto Thomaz se viu bastante interessado por truques mágicos. Dedicou-se ao assunto e, em pouco tempo, estava no Congresso Mundial de Mágicos, na Inglaterra. Hoje, aos 21 anos, Gutto segue a carreira de mágico profissional.

– Meu filho está vivendo intensamente a vida, com muita coragem, tranquilidade e confiança, diz Ana Thomaz.

Educadores não descartam a escola tradicional

Notadamente controversa, a ideia da desescolarização é questionada por alguns especialistas da área.

– Num primeiro momento, [a desescolarização] parece espetacular, mas acho que é um projeto para poucos, para a elite, opina a psicóloga especializada em educação, Valéria Rezende. Valéria também não acredita que a maioria dos pais possua o desenvolvimento intelectual adequado para escolarizar os filhos por conta própria.

– Acredito muito no trabalho da família na busca por potenciais em seus filhos, fazendo de tudo para desenvolvê-los. Mas quantos realmente podem e têm condições para fazer isso? questiona.

Ela também aponta a escola tradicional como um ambiente imprescindível para a socialização da criança e a convivência com a diversidade.



Reagan e Thatcher: os grandes símbolos dos yuppies dos anos 1980

Além disso, Valéria chama a atenção ainda para projetos inovadores dentro do ambiente escolar.

– Há escolas em que música, teatro e dança são essenciais na formação da criança, destaca. As chamadas escolas construtivistas norteiam-se pela crença de que o saber é um processo em contínua construção, nunca terminado.

– Por outro lado, a escola é coletiva e também não atende a expectativas individuais, ou melhor, a necessidades individuais. Ainda está transmitindo conhecimento e pouco criando. Nossos professores são muito mal remunerados, não têm dinheiro para comprar livros, revistas, frequentar cursos e congressos. E, assim, também não evoluem, ressalva a educadora.

O fato de essas escolas, ainda assim, não abrirem mão do currículo tradicional, no entanto, as torna insuficientes na concepção da educadora Ana Thomaz. Ela argumenta que, sem radicalização, a escola é irreformável.

– Só será possível radicalizar o ensino formal se não houver enquadramento. Pois esse é um pro-

cesso em que não é possível abrir concessões que vão contra a própria mudança. É possível começar esse processo dentro da escola, mas é importante estar preparado para os desejos de mudanças que surgirão, explica Ana.

Surgimento de novo modelo econômico abalou a educação

Essa filosofia de educação alternativa surgiu como reação a um estilo de vida que remonta, sobretudo, à década de 1980.

A Terceira Revolução Industrial, nos anos 1970, sedimentou as bases para uma enorme transformação sociocultural na década seguinte. Com a crise do sistema desenvolvimentista e o advento mais consistente da globalização, os sonhos utópicos de *hippies* vagarosos cederam espaço a ambições capitalistas de *yuppies* endinheirados. A onda sublime de Woodstock foi substituída pelo clima frenético de Wall Street.

O ócio passou a ser categoricamente negado. O negócio (*negação do ócio*, em latim), neste modo, se tornara a grande moda. Na

concepção mundana da época, feliz quem conquistasse seu primeiro milhão antes dos 30 anos de idade. Eram os tempos neoliberais de Ronald Reagan e Margaret Thatcher. No Brasil, os anos 1980 encerraram-se de modo sintomático, com a vitória do *yuppie* Fernando Collor de Mello nas primeiras eleições presidenciais diretas pós-golpe militar.

Nas décadas subsequentes, o termo *yuppie* perdeu ressonância, mas suas principais concepções continuaram vivas nas entradas da sociedade capitalista. Nesse sentido, um jovem que tenha entre 20 e 30 anos de idade e seja relativamente ocioso é visto como um retumbante fracasso. Para livrar seus filhos desse estigma, os pais buscam criá-los, desde a infância, com tudo o que a educação pós-contemporânea pode oferecer – desde que haja recursos para arcar com os gastos, evidentemente.

Carreira profissional: uma obsessão

Desde muito cedo, a criança contemporânea de classe média se prepara para um mercado de trabalho extremamente austero e competitivo. Para tanto, vive uma rotina quase que de pequeno executivo, com cursos e compromissos variados, além de um currículo escolar engessado, desestimulante, que visa à competitividade entre os colegas de sala. O ócio, já não tão comum, é abstraído cada vez mais com tecnologia pasteurizada. Deste modo, as lúdicas brincadeiras de rua, rotineiras em outros tempos, entram em rápida extinção.

O uso excessivo da tecnologia, no entanto, pode prejudicar sensivelmente o desenvolvimento emo-

cional das crianças. É o que aponta um estudo de psicólogos infantis da Escola de Medicina de Boston, nos Estados Unidos, publicado em fevereiro deste ano no periódico *Pediatrics*. A pesquisa chama a atenção para o que denomina como *Facebook depression* (depressão *Facebook*, em uma tradução livre), desencadeada quando pré-adolescentes passam tempo demais nas redes sociais e exibem sintomas de depressão.

Por isso mesmo, é recorrente que, na adolescência, o aumento intenso da pressão social por resultados profissionais (ainda que sob a forma da proximidade do vestibular) e o acesso maior à tecnologia gerem uma ansiedade crescente. Lidar com momentos entediantes torna-se um desafio. Ansioso, o jovem não consegue mais sequer realizar uma tarefa por vez. Para a pedagoga Ana Lúcia Vieira, ao mesmo tempo em que os adolescentes de hoje recebem uma quantidade maior de informação, eles são menos independentes.

– Duas disparidades curiosas no processo de amadurecimento desses jovens, sintetiza.

Um número absolutamente alarmante traduz com nitidez essa realidade educacional adversa: nos últimos 10 anos, o uso de ritalina, a chamada “droga da obediência”, aumentou 775% no Brasil, segundo pesquisa do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Hoje, o país é o segundo maior consumidor do remédio no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. A educadora Ana Thomaz alerta para uma criação que não respeita o tempo dos jovens.

– Já não é mais aceitável con-

vencer crianças e adolescentes a seguirem o sistema antivida em que vivemos, argumenta.

Slow Parenting

Ana Thomaz não é a única a romper paradigmas culturais na criação de um filho. Na verdade, uma quantidade crescente de pais já planeja a criação de suas crianças de uma maneira mais lenta e, em muitos aspectos, à moda antiga. Os chamados *pais sem pressa* enxergam no mundo altamente globalizado um ambiente hostil para o desenvolvimento de seus filhos e buscam uma alternativa, uma maneira diferente de educar.

Nesse sentido, a difusão crescente dos aparatos tecnológicos é, na concepção desse grupo, a grande vilã da sociedade. Mais conectados, os pequenos trocam as brincadeiras de rua saudáveis da infância pelo artificialismo dos joguinhos virtuais. Mais grave: aderem a um ritmo de vida que, paulatinamente, gera angústia, ansiedade e déficit de atenção.

Por isso, ao contrário da maioria dos pais, os simpáticos ao movimento *slow parenting* (*pais sem pressa*) buscam criar seus filhos o mais longe possível de qualquer tecnologia globalizada ou cultura que remeta ao ritmo exasperante do sistema capitalista. Querem-nos longe de computador, televisão, tablet, celular, videogame. E, em alguns casos, da escola.

Deste modo, o *slow parenting* procura contrapor-se aos parâmetros nocivos da sociedade, buscando substituir os aparatos tecnológicos viciantes do dia a dia por atividades como piquenique, oficina de jardim e brincadeiras antigas, normalmente ao ar livre. A ideia é que as crianças tenham



A psicóloga Valéria acredita que a desescolarização é uma boa ideia, mas de difícil execução

mais tempo para simplesmente não fazerem nada e, de forma muito gradativa, comecem a assumir pequenas responsabilidades. Surgido nos Estados Unidos e na Europa no começo dos anos 2010, o movimento já ganha força no Brasil.

Autoaprendizagem é chave

Na busca por uma criação mais harmoniosa, contudo, não basta simplesmente blindar o jovem da *selvageria* mundana. Seja num ritmo mais rápido ou cadenciado, uma relação interpessoal saudável entre pai e filho também é, evidentemente, primordial.

– Os pais e filhos de hoje andam conversando muito pouco. Nas famílias de classe média, é comum que babás e empregadas domésticas saibam mais da criança do que os próprios pais. O diálogo é fundamental, diz a pedagoga Ana Lúcia Vieira.

– Em paralelo, a superproteção também pode ser extremamente sufocante. Deixar a criança desenvolver sua autonomia e crescer por conta própria é fundamental, acrescenta.